

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Metáforas sexuais em cordéis de Cuíca de Santo Amaro: uma análise léxico- semântica¹

Sexual Metaphors in the rhyming verse of Cuíca from Santo Amaro: a lexical-semantic analysis

Sinéia M. T. Silveira²

RESUMO: Neste artigo fazemos uma incursão léxico-semântica por alguns cordéis licenciosos e sensacionalistas de Cuíca de Santo Amaro. Discutimos, também, o processo de tessitura identitária desse texto e explanamos como o poeta desenha em seus folhetos a fisionomia sociocultural de Salvador e de diversas cidades do Recôncavo Baiano, desnudando, em seus versos, seu itinerário e, também, o retrato da sociedade baiana configurado entre as décadas de 1940 a 1960. O *corpus* consta de designações sexuais metafóricas, cujos processos semânticos são analisados, levando-se em conta a relação entre língua e cultura. A preocupação central deste estudo é analisar os recursos semânticos empregados por Cuíca e perceber qual a contribuição do contexto extralinguístico para a fixação do significado das palavras. A análise evidencia como o poeta maneja a língua com criatividade, cria lexias e capta outros sentidos para as existentes, revelando um uso produtivo do léxico. O trabalho situa-se no campo da Lexicologia e da Semântica, numa interface com a História e a Memória Oral: cordéis remetem à história e esta é ressignificada pela memória de alguns contemporâneos do poeta; ambas associadas à semântica dos textos, sentidos que se cruzam, elucidam e ressignificam a história vivida. Utilizam-se as discussões teóricas apresentadas por Ullmann (1987) e os estudos empreendidos por Bakhtin (1993), Lyons (1981), Hall (2003) e Garcia (1982).

Palavras-chave: Lexicologia; Semântica; Memória Oral; Cultura; Identidade.

ABSTRACT: In this article, we carry out a lexical-semantic analysis of some of the licentious, sensationalist rhyming verse of the popular poet, Cuíca from Santo Amaro. Cuíca is *acordelista* which means he is a popular poet who publishes his own work in small, low-cost booklets. The poet describes the socio-cultural physiognomy of Salvador and other Recôncavo cities in his hand-made texts, exposing the configuration of Bahian society in the decades from 1940 to 1960. Our research focuses on sexual metaphors, whose semantic processes are analyzed, taking into account the interaction between language and culture. The main objective of this study is to analyze the semantic resources used by Cuíca and to look at the way the extra-linguistic context affects the meaning of the words. Our analysis bears witness to the poet's rich use of language which involves the creation of new words and the use of existing words in new ways. The study is located in the areas of Lexicology e Semantics with an interface with History and Oral Memory. The cordéis (the home-made poetic booklets in rhyming verse) dialogue with local history which is re-signified through the memories of some contemporary poets. The theoretical discussions of Ullmann (1987), Bakhtin (1993), Lyons (1981), Lowenthal (1998), Hall (2003), Garcia (1982) and Coelho (1980) contribute to our discussion.

Key Words: Lexicology; Semantics; Oral Memory; Culture; Identity.

¹Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada *Linguagem, Sociedade e Cultura: uma incursão histórico-semântica em textos de Cuíca de Santo Amaro*, que defendemos pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, da Universidade do Estado da Bahia-Campus V.

²Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – DCH, Campus V. Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional. E-mail: sineiasilveira@hotmail.com.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Tessitura identitária

Bahia, início do século XX, cenário ainda conturbado, espaço de contradições e de muitas lutas pela conquista de uma liberdade almejada e efetivada em 1888, com a promulgação da Lei Áurea. É nesse contexto, exatamente dezenove anos após a abolição da escravidão, ainda se ouvindo ecos desse passado tão próximo, que nasceu José Gomes, no dia 19 de março de 1907, em Salvador, cidade baiana que fora palco de lutas pela liberdade. Negro, filho de pais extremamente pobres, Cuíca riscou no chão indelével da memória baiana o tracejado de sua vida, autodenominando-se “Ele o Tal Cuíca de Santo Amaro.” Revelou em seus versos não só o seu itinerário mas também o percurso histórico da sociedade baiana configurado entre as décadas de 1940 a 1960.

Equivocadamente, alguns jornais e revistas divulgaram, como local de nascimento do poeta, a cidade de Santo Amaro da Purificação, situada no Recôncavo Baiano, fato que é elucidado pela pesquisadora Matos (2004, p. 20), através de uma fonte incontestável: a certidão de nascimento de José Gomes. Na verdade, Cuíca nasceu em Salvador, capital baiana, porém, elegeu Santo Amaro como a sua cidade, a ponto de registrá-la no seu nome artístico. Curran (1990) conjectura que a escolha pode ter sido feita em decorrência do laço sentimental que José Gomes tinha com a cidade de Santo Amaro da Purificação, deslocando-se amiúde para lá, quando jovem, para fazer farras, tocar música e namorar. Matos acrescenta que, desde 1935, Cuíca já fazia uso deste pseudônimo, segundo informações da sua esposa, Maria do Carmo Sampaio, com quem se casou em 1941, após cinco ou seis anos de namoro.

Vivendo nesse período, cercado por uma realidade adversa, José Gomes alimentou a sua memória nesse tempo que o envolveu e o preencheu, construindo a sua vida. Formou, aos poucos, a sua identidade, aqui compreendida como aquela que é definida historicamente (HALL, 2003, p. 12). Nesse sentido, Cuíca não apresenta uma identidade homogênea, mas é visto como um indivíduo que assume diferentes identidades, em momentos distintos. Sendo assim, a sua identidade foi sendo tecida ao longo da sua vida “[...] através de processos

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

inconscientes, e não algo inato (...), permanece sempre incompleta, está sempre em ‘processo’, sempre sendo formada” (HALL, 2003, p. 38).

Como fênix, Cuíca ressurgiu das cinzas de uma vida traçada para ser igual a outras, conformista e conformada pela dominação, optando por conquistar seus espaços de autonomia, assim como muitos outros filhos de ex - escravos da época. E, como que para romper com as mordanças do passado, renomeou-se “Cuíca de Santo Amaro, Ele o Tal”, conforme assinou alguns dos seus cordéis. E estabeleceu, pelo seu discurso contra-hegemônico, um espaço cambiante, no qual fez ressoar a sua voz na defesa dos excluídos, dos marginalizados, esgarçando, assim, as amarras do poder, rompendo, pela linguagem, as correntes do destino nos palcos nem sempre iluminados da Bahia.

A língua passou a ser um instrumento de poder nas mãos do poeta, na medida em que ele se fez ouvir, contando a sua e a história de outros tantos contemporâneos, esboçando em seus versos um retrato sociocultural da sua época. Pelos seus cordéis, Cuíca representava e dava visibilidade a um emaranhado de valores, crenças, costumes de determinados grupos sociais. Essas relações são tão imbricadas, que fica difícil precisar limites; afinal, é na língua que a cultura de um povo aflora. Percebemos, por conseguinte, uma estreita relação entre língua, cultura e sociedade, a qual será discutida sob uma perspectiva semântica e cultural, por entendermos que os contextos linguístico, situacional e cultural devem ser considerados quando se estuda uma língua, o que é respaldado por Ullmann (1987), Baldinger (1997) e Lyons (1981).

Neste estudo, analisamos semanticamente algumas lexias presentes em cordéis sensacionalistas e licenciosos. Os primeiros exploram, com exagero, fatos chocantes, escândalos, histórias escabrosas. Os segundos versam sobre fatos picantes, de insinuação sexual. Buscamos explicar alguns fenômenos socioculturais perceptíveis no nível lexical, procurando apreender a forma de perceber o mundo da sociedade da época. Subdividimos as lexias em dois grupos: metáforas designadoras de órgão sexual masculino e feminino e de relações heterossexuais, classificando tais grupos em: lexias dicionarizadas com o mesmo sentido; lexias dicionarizadas com outro sentido; lexias não dicionarizadas.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Ressaltamos que os cordéis, por serem textos literários, são polissêmicos por natureza, e isso permite uma maior flexibilidade da língua. Sendo assim, o poeta, com base em uma imagem acústica, tem a liberdade de multiplicar seus valores semânticos, revestindo-lhe de sentidos diversos, que evocam outras realidades, outras possibilidades de nomeação do mundo. Esse uso emotivo da língua a partir da inserção de traços multissignificativos ocorre sempre que o indivíduo deseja exprimir sentimentos, instigar o leitor. No corpus em análise, há algumas fontes que contribuem para revestir as palavras de um tom emotivo: o contexto, os valores evocativos, a derivação emotiva e os artifícios emotivos.

O contexto é enfatizado porque, a depender deste, uma palavra pode trazer um tom mais emotivo. Isso é bastante evidenciado no uso que Cuíca fez de determinadas expressões, como uma das várias designações que ele dá para pênis: sputinick. Na verdade, para captar o sentido que o poeta dá para tal lexia, é preciso que o leitor se valha do contexto linguístico e extralinguístico, conforme será esboçado posteriormente.

Cordéis de Cuíca: um panorama sociocultural da época

Pelo teor dos cordéis analisados, visualizamos como alguns indivíduos enxergam alguns espaços socioculturais, identificamos formas equivocadas de apreensão de destes, assim como conseguimos perceber preconceitos em relação a gênero, algo que é muito forte no texto cordelístico em estudo. Tais aspectos serão discutidos, levando-se em consideração os contextos nos quais foram produzidos. Exemplo disso pode ser visto no cordel Namoro no Cinema³, no qual Cuíca escancara como é visto esse espaço cultural:

³ Esclarecemos que os cordéis citados ao longo deste artigo não foram datados em função da ausência dessa informação. O que sabemos é que a produção cordelística de Cuíca se situa entre as décadas de 1940 a 1960. Informamos, ainda, que optamos por manter a grafia adotada pelo cordelista Cuíca de Santo Amaro.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

O Cinema na verdade É um recinto tão belo Onde todos os frequentadores Entram sempre em paralelo Para fazer dali Uma espécie de castelo Todos sabem que o Cinema É o antro da perdição	Faz o sujeito assassino Faz o sujeito ladrão É um livro onde as donzelas Aprendem a prostituição O Cinema é uma escola Onde não há Professor Ensina ele as Donzelas A perderem o seu pudor
---	---

“Castelo”, no dicionário Aurélio, vem definido como (Bahia) casas de mulheres públicas. Cuíca continua desfilando uma série de qualificações para essas salas de projeções cinematográficas, citando o Cine Pax, cinema popular localizado na Baixa dos Sapateiros, onde também eram exibidos filmes pornô, em determinados horários. Além disso, no período em que tais cordéis foram produzidos, as demonstrações de afeto em público eram censuradas. Os locais de exibição em recintos fechados, com pouca luminosidade, e as exibições feitas em som alto, são fatores que contribuem para camuflar e abafar as ações descritas pelo poeta. Os cinemas, portanto, eram propícios para a troca de carícias e afagos pelos casais que procuravam, nesse recinto, um ambiente ideal para namorar sem ser importunados. Tanto que Cuíca revela o que aconteceu um dia, quando a luz foi acesa inesperadamente no cinema,

A luz então acendeu Uma cena interessante No Cinema apareceu Você sabe meu leitor O que aconteceu? [...] Quando interrompeu No cinema a projeção Uma linda Normalista	Com um grande caldeirão Estava com o guarda chuva De um Estudante na mão O pobre do Estudante Ficou todo envergonhado Guardou o guarda chuva Que já estava quebrado E saiu lá do Cinema Completamente molhado
---	---

Por conta de fatos como esse, o poeta generaliza o cinema como antro de perdição, livro onde se aprende a prostituição, escola que ensina a perder o pudor. Detalha, ainda, os atos e fatos que se desenrolam no cinema: “cavação”, “canjerê”, falta de respeito, perda da virgindade. Suas informações contribuem para o leitor apreender como esse meio

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

cultural é ressignificado por alguns indivíduos, que o percebem como espaço propício para atos licenciosos.⁴

Vão pra dentro do Cinema Fazer sua <u>cavação</u> [...] Moça com seu namorado Lá dentro da matinée Com sua mão bulinando Toca a fazer <u>cangerê</u> [...] Acontece no Cinema Esta falta de respeito [...]	Muitas quando se casam Dá até em dois macacos O marido quando quer <u>Meter a viola no saco</u> Encontra na hora H Um verdadeiro buraco [...] O Cinema sempre foi A perdição da Humanidade Ensina sempre as garotas O Caminho da promiscuidade
--	--

Observamos como há um peso desigual para os dois gêneros: homens e mulheres frequentam o cinema, participam das mesmas ações descritas como impróprias, porém, no final do cordel, Cuíca ressalta que é nesse espaço que a mulher aprende a se promiscuir.

Já no folheto A moça que mordeu Santo Antônio, o poeta explicita o viés preconceituoso em relação às mulheres que não casam ainda jovens. Cuíca narra a história de uma mulher que, após os quarenta anos, pede uma ajuda a Santo Antônio para encontrar um noivo. Não tendo o seu pedido atendido, morde o santo. O estereótipo de mulher que não casa é traçado nesse folheto. São mulheres que: ficam no barricão; não têm sorte na vida; depois de quarenta anos, estão acabadas, não arrumam marido; sofrem. Temos, assim, uma imagem do casamento como fonte de felicidade, saúde, sorte, atestando uma visão machista sobre o perfil feminino.

É possível apreender que a personagem feminina é criticada, marginalizada, diabolizada, uma vez que sua representação é construída como uma extensão da figura masculina e, até mesmo quando as vozes são femininas, os traços distintivos desse discurso narrativo esboçam pensamentos machistas, os quais apresentam as mulheres como representação do mal, na medida em que insuflam o homem a cometer desvios de

⁴ Os grifos que aparecem nos textos do escritor são de nossa autoria.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

comportamentos. Além disso, há, por parte delas, a assunção de um discurso machista, que vê no amor e no casamento o caminho para a felicidade.

No cordel intitulado A mulher que morreu no tira-gosto, Cuíca narra um fato escandaloso envolvendo uma jovem chamada Ilze, encontrada morta no bordel de Dona Santa, na capital baiana. Matos (2004, p. 102) informa que o laudo médico, emitido por Dr. Pitex (médico legista do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, na capital baiana) registrou, como causa da morte, um colapso na hora do clímax da relação sexual. Cuíca, então, relata o acontecido:

Disse o médico a Polícia
Isto foi uma ruína!!!
Um sputinick enorme
Penetrou nesta menina

Ou seja, Cuíca, buscando nomear essa realidade diferentemente do laudo médico, procura palavras que traduzam a sua explicação para o fato. Não encontrando no léxico disponível uma designação exata para aquilo que procura transmitir, busca no contexto algo que aproxime essas realidades. É assim que o poeta se apropria de uma palavra não dicionarizada em português para designar o órgão sexual masculino: o nome dado ao primeiro satélite artificial posto em órbita, em 1957, pela Rússia, batizado com o nome de Sputnik, “sujeito viajante”, esfera metálica que media cinquenta e oito centímetros de diâmetro e pesava oitenta e três quilos e seiscentos gramas (OLIVEIRA, 2005).

Os valores evocativos, por sua vez, presentificam-se nos cordéis licenciosos e sensacionalistas, dando a tônica aos enunciados. Tais valores conseguem tornar determinadas palavras bastante expressivas, que impregnam o enunciado de uma força desencadeadora de emoção, paixão, revolta, dentre outros sentimentos. É nesse sentido que Cuíca, naqueles folhetos em que explora o grotesco, faz uso de expressões vulgares. Mas é preciso ressaltar que muitas dessas expressões são criadas mediante associações metafóricas e metonímicas, revelando uma grande capacidade criadora de Cuíca. É assim que ele narra situações grotescas de forma leve e divertida, com uma linguagem impregnada de jocosidade, utilizando imagens que remetem ao princípio material e corporal, típicas de realismo grotesco

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

(BAKHTIN, 1993), principalmente nos cordéis licenciosos e sensacionalistas, particularizando-os a partir de um léxico marcado por um número expressivo de metáforas sexuais.

Outro recurso utilizado por Cuíca é a derivação emotiva, a qual confere tons emotivos a alguns enunciados. O poeta acresce sufixos a algumas palavras, e estes, por sua vez, conseguem atribuir ao significado determinados juízos valorativos. Exemplo disso consta no cordel que tem por título O menino que nasceu pedrêz, no qual é narrada a história de uma negra que, desejando casar-se, tentou ficar branca (“Espichou a cabeleira [...] Tomou banho de potaça [...] Na pele fez fricção [...]”). No decorrer da narrativa, Cuíca faz uso de alguns sufixos que impregnam às palavras de tons emotivos pejorativos: “negrita”, “neguinha”, “pretinha”.

Ela em fladas [sic] de camisa Depilava as sombrancelhas Mas em vez de gilete Era um pedaço de telha As pestanas da <u>negrita</u> Já estavam bem vermelhas [...] Pintou beijo, pintou tudo Na pele fez fricção	Até mesmo no umbigo A nêga passou loção Eu sei que a <u>neguinha</u> Ficou mesmo uma tentação [...] Porém a tal <u>pretinha</u> Já estava até peijada
--	---

É imprescindível destacar que, dos setenta cordéis lidos, somente neste há uma alusão desse tipo aos negros. Cuíca tem um perfil identitário marcado pela luta por liberdade, igualdade de direitos, defesa dos excluídos e marginalizados, até porque ele fazia parte desse grupo, já que era negro, pobre e semi-analfabeto. Sendo assim, entendemos que, no folheto em questão, o cordelista critica a tentativa de branqueamento de uma negra que se recusa a manter traços africanos, passando a incorporar características e valores da elite branca. Aos poucos, Cuíca esboça o perfil da mulher em questão, aparentemente de condição social elevada, como perceptível nos versos seguintes.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Depois chamou o empregado Que se chamava José [...] Disse a negra vá correndo Me comprar já um baton Traga um Rouge de primeira Mas só quero muito bom [...] Chamou a negra o garçom Perguntou o quanto devia	Disse o garçon mil cruzeiros Que bebeu [o marujo] durante o dia A negra pagou a conta [...] Chamou uma Limousine Meteu o marujo dentro
--	---

Depreendemos, por conseguinte, que a mulher tinha uma boa condição financeira, pois tinha empregado, pagou a conta do americano, foi para a igreja de limusine (Cuíca a chama de preta grã-fina). Ela busca uma proximidade com uma aparência branca, procurando assimilar traços que mascarem a sua cor, moldando-se a um padrão branco de beleza (passa potaça, esfrega-se muito, alisa o cabelo); procura criar uma realidade simbólica na qual se refugia para escapar da inferiorização que a sua cor expressa nesse tipo de sociedade, através do casamento com um branco, mesmo que não seja aceita por este, como explicado no final da história, pois o americano se desvencilha dela, agredindo-a verbalmente.

Deu ele um pulo da cama
Com um fedô de chulé
E perguntou para a negra
Como não lavou o pé?
Que catinga desgraçada
És parenta de coré?

Cuíca denuncia a visão do branco sobre o negro. O discurso do marido americano é revelador de uma sociedade que vê traços que diferenciam, hierarquizam e inferiorizam socialmente o negro: estes são sujos, fedem, recebem apelidos pejorativos, como se verifica no trecho a seguir.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Acorda o cara assombrado Quando viu um pau de piche Deitado junto ao seu lado [...] Disse a negra, meu amor Não sabes o que estaes dizendo O marujo respondeu-lhe Você só vive fedendo	A negra foi abraça-lo E ele saíu correndo Quando foi de madrugada O marujo viajou Escreveu um bilhetinho Para a nega ele mandou Lhe dizendo desgraçada A sua catanga me pegou
---	--

Uma das causas que pode contribuir para essas inovações linguísticas é a psicológica. Ullmann (1987, p. 440) aponta dois fatores bastante significativos para tais inovações: os emotivos e o tabu. No primeiro caso, a necessidade de vender seus cordéis para prover o sustento familiar fez com que Cuíca se voltasse para temáticas que despertassem o interesse do público leitor, como as licenciosas. Para retratá-las, ele criou metáforas e comparações capazes de suscitar imagens e experiências, as quais, muitas vezes, eram tabus para a sociedade da época, principalmente aquelas relacionadas ao sexo. Então, por um sentimento de decoro, de delicadeza ou até mesmo para não espantar o seu público, o cordelista utilizou uma linguagem metafórica, elemento expressivo que se configura por associações de caráter semântico, conforme se comprova a seguir.

Cordéis de Cuíca: uma abordagem léxico-semântica

Cuíca de Santo Amaro, provavelmente por uma questão de tabu de decência, sempre que faz referência a determinadas partes do corpo relacionadas a sexo, utiliza expressões metafóricas. Ele fez esse uso não por falta de expressão que traduzisse o que desejava referenciar; afinal, já existia uma denominação específica. Karl Bühler, citado por Garcia (1982, p. 85), destaca que a metáfora pode ser empregada como um mecanismo de caracterização pitoresca, e é isso que o poeta empregou quando tratou de temas de cunho sexual. Ele se defendeu de uma possível acusação de imoralidade, quando enunciou, no cordel Namoro no Cinema, uma justificativa.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Eu sei que muita gente Vai dizer a autoridade Que eu... o Cuíca Só escrevo imoralidade	Mas dentro da Bahia Falarei sempre a verdade Em benefício do povo E da Humanidade.
---	---

A metáfora constitui um mecanismo linguístico bastante significativo para a inovação da linguagem. Por meio dela, o indivíduo (re)nomeia realidades, descreve experiências, transpõe elementos de uma realidade para outra, a partir de traços de similaridades captados pela imaginação, pela sensibilidade não só do produtor como também do leitor, visto que, para construir sentidos, é preciso que este evoque determinadas imagens, estabeleça associações e relações entre o que está sendo dito e o que aquilo significa, posto que na metáfora há uma transferência de termos por relações de sentido.

É por isso que a compreensão de uma metáfora demanda, antes de tudo, que saibamos o que a coisa real significa, quais atributos possui, e, a partir daí, busquemos fazer analogias, perceber quais dos atributos do termo comparado (A) são extensivos ao comparante (B), criando relações de sentido. Garcia (1982, p. 86) salienta que, se ambos os termos estão expressos, a metáfora é chamada de *in praesentia*; do contrário, se só o termo comparante está presente, pura ou *in absentia*. Exemplo disso é quando Cuíca, ao contar um episódio vivido por um “doido tarado” e algumas mulheres, em Amargosa, cidade do interior da Bahia, utilizou algumas expressões para designar vagina e pênis, estando presente apenas o termo comparante (terreno e esporão, metáforas nomeadoras de vagina e pênis, respectivamente).

Sem a menor cerimônia
Ela deu ao papai
Aquele terreno
Onde a polícia não vai
[...]
Esta foi a primeira
Que entrou em ação
O doido, com toda doidice,
Colocou o esporão
Nesta dona boa
Dentro de uma pensão.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Tais metáforas são possíveis de ser compreendidas a partir dos contextos linguístico e extralinguístico, já que o cordel é licencioso e narra a história de um homem que chega à cidade e, por ser bonito, passa a ser procurado por muitas mulheres, com as quais mantém relações sexuais. Com isso, provoca um escândalo, sendo levado, pelas autoridades, para um sanatório na capital baiana. Os termos comparados (vagina e pênis) pertencem a universos distanciados de terreno e esporão. Esse distanciamento entre os dois termos é apontado por Ullmann (1987) como um fator relevante para que a metáfora seja realmente eficaz, visto que isso conferirá maior expressividade. Caberá ao leitor construir relações de sentido, procurando verificar quais atributos são compartilhados entre os termos e, a partir disso, fazer ilações pertinentes.

Metáforas designadoras de órgão sexual masculino

Para órgão sexual masculino, escolhemos dezenove lexias: seis dicionarizadas; doze dicionarizadas com sentidos diferentes daquele empregado pelo poeta; uma lexia sem referência nos dicionários. Todas constam no quadro a seguir. Algumas foram organizadas em três subgrupos, em função de apresentarem os mesmos atributos predominantes. Outras, por apresentarem traços semânticos distintos, foram analisadas isoladamente.

QUADRO 01- Designações metafóricas para órgão sexual masculino

	Lexias dicionarizadas	Lexias dicionarizadas com outro sentido	Lexia não dicionarizada
PÊNIS	Cano Canudo Carabina Inhame Picolé Pincel	Bico de cegonha Cartucheira Espingarda Espinhela Esporão Fornalha Fuzil Lanceta Punhal Rabo de arraia	<i>Sputnik</i>

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Os processos semânticos identificados no corpus foram classificados como processos de inovação, pois, à medida que crescemos a uma palavra um ou mais sentidos, entendemos que inovamos a língua, já que esses sentidos são captados pela sensibilidade do indivíduo, que enxerga novas possibilidades semânticas para uma palavra, as quais poderão perdurar por um tempo mais curto ou estabilizar -se na língua.

As ocorrências metafóricas foram agrupadas pelos traços comuns predominantes, formando subgrupos, com exceção da lexia sputinick, que será analisada isoladamente, já que não é dicionarizada. Tal lexia está inserida no cordel A mulher que morreu no tira-gosto, já contextualizado anteriormente. Quando utilizou tal vocábulo, Cuíca criou uma metáfora cujo sentido, para ser construído, demandará do leitor uma contextualização da palavra e, em seguida, por analogia, o estabelecimento de relações de sentido. O poeta fez alusão, intuitiva e irreverentemente, ao tamanho do pênis, quando o relaciona ao satélite russo, criando uma imagem grotesca (Bakhtin, 1993) de um órgão sexual exagerado. Cuíca associou o tamanho da nave e seu processo de penetração no espaço às dimensões desse pênis, que penetrou violentamente na vagina, provocando a morte daquela mulher. Percebemos, portanto, uma motivação semântica de natureza metafórica para a lexia empregada, decorrendo disso uma inovação lexical, na medida em que o poeta forja um novo sentido para uma palavra existente. No primeiro subgrupo, temos as seguintes ocorrências:

QUADRO 02- Lexias agrupadas em função dos atributos: formato e tamanho

Lexia	Dic. Aurélio	Dic. Etimológico	Dic. de Gíria
Cano	“Designação genérica de toda espécie de tubo que permita escoamento de líquidos ou gases”.	“Qualquer espécie de tubo que permita escoamento de líquidos” XIV.	Pênis
Canudo	“Tubo, geralmente comprido; tubo de palha ou plástico	“Tubo, geralmente grande” XIII.	

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

	através do qual se sorvem bebidas frias”.		
Carabina	“Fuzil curto e leve”.	“Tipo de espingarda 1813”.	Não averbadas
Espingarda	“Arma de fogo portátil e de cano comprido”	“Arma de fogo portátil de cano longo” XV. “Carabina, espingarda” 1873.	
Fuzil	Arma de fogo de cano comprido usada pela infantaria		

Fonte: Cunha (1986); Ferreira (1986); Gurgel (1998) .

As lexias “cano”, “canudo” e “carabina” constam nos dois primeiros dicionários com sentidos distintos daquele empregado por Cuíca, porém, aparecem no terceiro dicionário (de Gíria) com o mesmo sentido de pênis, o que não ocorre com as lexias “espingarda” e “fuzil, registradas apenas nos dois primeiros dicionários, porém, com sentido diferente do que consta nos cordéis.

Nas cinco lexias (“cano”, “canudo”, “carabina”, “espingarda”, “fuzil”), há atributos em comum: o formato, o tamanho (são compridos) e o fato de apresentarem uma cavidade interna, pela qual há escoamento (de líquidos, no caso do canudo e do cano, ou projéteis, nas armas de fogo). Sendo assim, podemos fazer uma associação entre tais atributos dos termos comparados e algumas características do termo comparante (pênis): este também tem um formato cilíndrico, possui uma cavidade interna que, no momento da ejaculação, serve de canal para a saída de esperma. Outra ilação possível é quanto à função: as armas de fogo citadas disparam quando os gatilhos são acionados; os canos e os canudos escoam líquidos. Do mesmo modo, o pênis expulsa esperma quando há alguma espécie de estímulo. É pertinente destacar que o poeta acresce alguns qualificativos às lexias “fuzil” e “cartucheira” quando faz referência a homens que perderam a potência sexual, conforme se visualiza no folheto O homem das 16 mulheres.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Ahi para o Julião
Será uma grande barreira
Pois se queimar o fusil
Ou gripar a cartucheira
Há de alimentar as mulheres
Então de outra maneira.

“Canudo” consta no dicionário Aurélio Buarque de Hollanda (1986) como “tubo geralmente comprido, através do qual se sorvem bebidas frias”. No Dicionário Etimológico (1986), tal lexia vem dicionarizada como “qualquer espécie de tubo que permita escoamento de líquidos”. Notamos que há uma associação entre o formato e a espessura do canudo e do pênis descrito: arredondado, fino, com um orifício no interior que permite escoar líquido, nesse caso, expelir esperma. Assim, a lexia é motivada morfológicamente, pois é derivada de “cano” e também semanticamente, já que ocorreu a substituição de uma palavra por outra, por meio de um processo interno, intuitivo, decorrente de uma relação de semelhança entre um atributo do termo A – pênis, que foi transportado para o termo B – canudo, provocando uma ampliação de sentido decorrente de criação metafórica. Descreve um pênis pequeno e fino, incapaz de preencher os espaços de uma vulva grande.

Nos casos descritos há, portanto, uma motivação semântica, pois ocorreram substituições de uma palavra por outra por meio de um processo interno, intuitivo, decorrente de uma relação de semelhança entre atributos do termo comparado que foram transportados para os termos comparantes.

É válido destacar o caráter machista dessas metáforas. Sempre que Cuíca cita o órgão sexual masculino em histórias protagonizadas por heterossexuais, há representações superdimensionadas do pênis: são grandes, compridos, potentes. Notamos, portanto, que as metáforas designadoras de pênis têm a função de supervalorizar a masculinidade, o homem portando um membro forte, grande, uma arma que lhe confere poder.

O segundo subgrupo é formado por três lexias: “cortante”, “lanceta”, “punhal”.

QUADRO 03- Lexias agrupadas em função dos atributos: cortante, perfurante

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Lexia	Dic. Aurélio	Dic. Etimológico
Cortante	“De cortador, que corta; aquele que corta a carne nos talhos”.	Não há referência direta. Existe “cortar”, “fazer incisão em”.
Lanceta	“Instrumento cirúrgico de dois gumes”	Lança “arma ofensiva” → lanceta XIV.
Punhal	“Pequena arma branca de lâmina curta e perfurante”	Punho “mão fechada” → punhal/ XIV

Fonte: Cunha (1986); Ferreira (1986).

As três lexias designam objetos cortantes, perfurantes. Este é o traço predominante que é transferido para o termo comparante, o pênis, que penetra na vagina. Algo que pode ter contribuído para a criação de metáforas desse tipo são equívocos surgidos em torno da noção de perda de virgindade atrelada à penetração peniana e ao rompimento himenal quando, na verdade, tal ruptura só ocorre quando há a presença de hímen e este não é complacente. Nesse caso, o hímen, membrana localizada na vulva, bloqueia parcialmente a entrada da vagina e pode ser rompido na(s) primeira(s) relação(ões) sexual(is), com a penetração peniana. Assim, dessa noção, pode advir a associação de pênis com objetos perfurantes, cortantes.

O terceiro subgrupo tem como lexias: “bico de cegonha”, “espinhela”, “esporão”, “rabo de arraia”.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

QUADRO 04- Lexias agrupadas em função do atributo: dureza

Lexia	Dic. Aurélio	Dic. Etimológico
Bico (de cegonha)	Bico – Extremidade córnea da boca das aves e de outros animais; ponta ou extremidade aguçada de vários objetos. Cegonha – Ave penalta de arribação.	Bico-“proeminência córnea da boca das aves e de outros animais” XIII. Cegonha – “ave da ordem dos ciconiformes” XIV.
Espinhela	Nome vulgar do apêndice xifoide	Espinha-“série de apófises da coluna vertebral” → espinhela” XIV.
Esporão	Saliência córnea do torso de alguns machos galináceos	→Espora -“instrumento de metal que se põe no tacão do calçado para incitar o animal que se monta” XIII.
Rabo (de arraia)	Rabo - Prolongamento da coluna vertebral de alguns animais. Arraia – Peixe.	Rabo –“cauda; prolongamento da coluna vertebral de certos mamíferos” XIII; Arraia → Raia “designação comum aos peixes elasmobrânquios hipotremados” XVI.

Fonte: Cunha (1986); Ferreira (1986).

As quatro lexias são formas vocabulares registradas, contudo, trazem um sentido diferente do dicionarizado. O poeta, diante de um elemento a ser apresentado – pênis – faz uma associação deste com outros objetos com os quais tem familiaridade, que fazem parte de sua experiência de mundo. Todas as metáforas utilizadas dizem respeito a partes do corpo de animais (alguns são estendidos, na linguagem popular, para os humanos, como o “esporão”, a “espinhela”). Têm em comum uma característica: a dureza.

Observamos que, no caso de “bico”, não é citado o de qualquer ave, mas de uma que possui um bico de tamanho considerável. Essa lexia é sempre mencionada quando há alusão a pênis de um heterossexual. No cordel O Homem que matou a “mula” porque não quis aceitá-lo, Cuíca relata um caso ocorrido em Nazaré, na Bahia. Narra a tentativa de um indivíduo em

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

manter relação sexual com uma mula, a qual, após consumação do ato, é morta com um golpe de uma peixeira. O agressor é preso quando

Descobriu-se finalmente
Que o câibra sem vergonha
O qual passou na mula
O seu bico sem vergonha
Veio pra Nazaré
Porém morava no Onha

A lexia “rabo de arraia” está registrada no cordel *Namoro no cinema* na seguinte estrofe:

Então vi que a tal fulana
As que são de certa laia
Iam de V.8
Fazer a sua gandaia
Para dentro do Cinema
Receber rabo de arraia

Essa lexia também nomeia parte do corpo de animal, especificamente de um peixe que, quando atacado, aciona um mecanismo involuntário, agitando seu longo rabo, enterrando o ferrão, estrutura óssea de quase dez centímetros, em quem o ataca. Esse ferrão tem um tecido glandular que o recobre, o qual se rompe no momento da ferroadada, expelindo um veneno no corpo da vítima. Por analogia, chegamos a uma associação: o pênis possui uma cabeça chamada de glândula, a qual se mantém recoberta por uma pele (prepúcio) quando o pênis não está ereto (VILELA, 2006). Durante a ereção, há uma dilatação peniana e essa pele escorrega para trás, deixando à mostra a cabeça do pênis, culminando esse processo com a ejaculação, assim como o ferrão é recoberto por um tecido, que é rompido durante a ferroadada.

A lexia “esporão” consta no cordel *O escândalo em Amargosa ou o Doido tarado*, já comentado. Cuíca, ao narrar o envolvimento sexual desse homem com algumas mulheres da sociedade amargoense, diz que

O doido com toda doidice
Colocou o esporão
Nesta dona boa
Dentro de uma pensão

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

“Esporão” é uma palavra derivada de espora, um elemento que confere virilidade ao galo. É uma espécie de unha localizada na parte posterior das patas e é usada como arma de ataque, durante, por exemplo, a disputa por uma fêmea. Semelhantemente, o pênis é um símbolo de virilidade masculina utilizado durante o ato sexual. Vemos, desse modo, que essas lexias são motivadas morfológica e semanticamente, uma vez que são compostas e surgem de uma associação entre um atributo – dureza – que é transferido para o elemento aludido – pênis.

Cuíca não faz associações aleatórias, antes, foge do lugar comum, buscando elementos que transportem para a realidade a ser descrita ideias de virilidade, força, masculinidade. Essas escolhas revelam a forma de pensar típica de uma sociedade machista, que confere ao homem posição de superioridade: é ele que ataca (introduz o pênis), expelle sêmen no corpo da mulher. Esta, numa posição de subalternidade, tem uma função passiva de receber o órgão sexual masculino e o seu líquido (esperma).

Esse machismo é muito forte e chega ao extremo quando as mulheres são acusadas, implicitamente, de incitar o homem ao estupro, na medida em que o provoca com roupas e atitudes sensuais. No cordel *Garotas que andam sem camisa e sem cuéca*, Cuíca critica uma mudança na moda (as mulheres deixam de usar a anágua e passam a vestir roupas coladas ao corpo, sem usar a combinação) e deixa entrever que tal costume surge com o intuito de atrair tarados e transformam a mulher em prostituta

[...]
Por isso elas usam
Os seus vestidos apertados
Bem justos! É natural
[...]
Com uma finalidade
Para atrair os Tarados

[...]
Mais tudo isto é a moda
[...]
A moda é quem prostitue
Muita garota granfina

No quinto subgrupo inserimos as seguintes lexias:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

QUADRO 05- Lexias agrupadas em função dos atributos: formato, dureza e comprimento

Lexia	Dic. Aurélio	Dic. Etimológico	Dic. de Gíria
Picolé	“Sorvete solidificado em uma das extremidades dum pauzinho, e que se toma segurando-o pela outra extremidade”.	“Sorvete solidificado em uma das extremidades dum pauzinho, e que se toma segurando-o pela outra extremidade”.	Pênis
Inhame	“Planta da família das dioscoreáceas”	“Planta da família das dioscoreáceas”.	

Fonte: Cunha(1986); Ferreira (1986); Gurgel (1998).

A primeira lexia, “picolé”, está presente no cordel *O homem que matou a mula porque não quis aceita-lo* (esse cordel já foi contextualizado anteriormente). Nele, Cuíca expõe um caso inusitado.

Alisava ele a mula
Da cabeça até o pé
[...]
Ansioso... com vontade
De passar-lhe o picolé

A segunda, “inhame”, tem seu registro no folheto *Namoro no Cinema*:

Outro dia lá no Pax
Apareceu um tal
De tanto cumer inhame
Penso que lhe fez mal
Pois ao sair do Cinema
Só fedia a bacalhau

O inhame é uma planta medicinal e alimentícia, cujo tubérculo tem uma espessura considerável, além de apresentar irregularidades na casca que o recobre e lhe dá uma aparência de enervações salientes, o que lembra, de certo modo, o aspecto do pênis, quando intumescido. Além disso, o formato, a dureza e o comprimento são traços predominantes

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

transferidos para o termo comparante. E há outro aspecto a ser ressaltado: tanto o “picolé” quanto o “inhame”, em determinado momento, amolecem: o inhame, após cozimento e o picolé, quando é retirado do ambiente refrigerado. Semelhantemente, o pênis, após a ejaculação, fica flácido.

No sexto subgrupo, são apresentadas as seguintes lexias:

QUADRO 06- Lexias agrupadas em função da associação com fogo

Lexia	Dic. Aurélio	Dic. Etimológico
Cartucheira	“Bolsa de couro para cartuchos”	>cartucho -“invólucro oblongo de papel ou cartão”
Fornalha	“Parte de uma máquina ou fogão onde se queima o combustível”	<forno -“recipiente para cozer alimentos”

Fonte: Cunha (1986); Ferreira (1986).

As lexias “cartucheira” e “fornalha” estão presentes nos cordéis: *O Homem das 16 mulheres* e *O marido que passou o cadeado na boca da mulher*. No primeiro, o poeta faz chacotas com o Julião, que mantinha relações sexuais com dezesseis mulheres, afirmando:

Ahi para o Julião
Será uma grande barreira
Pois se queimar o fusil
Ou gripar a cartucheira
Há de alimentar as mulheres
Então de outra maneira

No segundo folheto, Cuíca registra as ameaças que a esposa faz ao marido, caso comprove que continua sendo traída:

Um dia ela [a esposa] entendeu
De me falar na navalha
Bem as três da madrugada
Disse ela... seu canalha
Ou você anda direito
Ou lhe corto esta fornalha

Ambas as lexias têm um atributo em comum: associação com fogo. Essa associação do pênis com arma é confirmada no título de um dos cordéis do Cuíca, *A mulher que deixou o marido desarmado*, ou seja, sem o pênis, já que Cuíca conta a história de um homem cujo

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

membro fora decepado pela esposa, irada por ter sido vítima de traição. A “cartucheira” é uma bolsa de couro que serve para guardar cartuchos, que são cargas de arma de fogo. A “fornalha” é parte do forno, máquina ou fogão onde se queima o combustível. Ou seja, em ambas são guardados os instrumentos que provocarão combustão: os projéteis e a lenha, que precisam ser acionados (o cartucho precisa ser disparado e a lenha acesa). E, numa associação semântica, é necessário haver um estímulo que provoque a ereção peniana (combustão)⁵.

Há, ainda, lexias que não foram agrupadas, por não terem o mesmo atributo predominante. São elas: “pincel”, “camarada” e “manivela”. A lexia “pincel” consta no folheto *O Crente que passou a filha para traz*. Neste, o poeta relata um caso de estupro:

Diz que um protestante
Saiu fora da trilha
Alvorçou-se a tarado
E avançou na própria filha
Diz ele que em Candeias
[...]
Viram o Protestante
Com sua barbaridade
Arrancar da própria filha
A sua virgindade
[...]
Agarrou a própria filha
E sapecou-lhe o pincel.

“Pincel” é definido pelo dicionário de Gíria como “pênis sem ereção”. No dicionário Aurélio (1986) há alusão a um tipo de pincel conhecido como brocha, o qual tem pelos flexíveis, sendo definido como (chulo) “indivíduo sem potência sexual”. O uso que Cuíca faz do termo foge desse sentido, pois a relação sexual se efetiva, culminando com a perda da virgindade. Depreendemos, desta forma, que houve a penetração sexual, e isso não ocorreria com um pênis sem ereção.

A metáfora “camarada” é empregada no cordel *Garotas que andam sem camisa e sem cueca*. O poeta explicita:

Quando entram [as mulheres] nos Ônibus
Ou o bonde que esteja lotado
E ficam na frente de gente

⁵ Para que o processo de ereção peniana ocorra, é preciso que haja a liberação da acetilcolina, de modo que ocorram os principais eventos neurovasculares da ereção. Mais detalhes a esse respeito podem ser encontrados em Maia ([s.d.]).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Com aquele seu requebrado
Tem um certo camarada
Que fica todo zangado

A lexia em questão é dicionarizada no Aurélio (1986) e no dicionário de Gíria (1988) como “pessoa que convive com outra”. No Etimológico (1986), há registro também, sendo definida como “companheiro”. Cuíca cria um novo sentido para “camarada”, que, nesse contexto, designa o órgão sexual masculino, o qual, em determinadas circunstâncias, precisa, metaforicamente falando, ser amigo, ou seja, tornar-se ereto para conferir virilidade, *status* de macho ao seu dono. Ressaltamos que, nas duas referências, há um envolvimento heterossexual.

“Manivela” é veiculada no folheto O homem das 16 mulheres. Cuíca conta a história de um fazendeiro chamado Chico Julião, residente em Itaberaba, sertão da Bahia, que tinha dezesseis mulheres. E o poeta noticia o que ocorre entre Chico Julião e essas mulheres:

A primeira que o Chico
Traqueja na manivela
E ele sempre gaba
A sua linda tutela

“Manivela” é dicionarizada no Aurélio (1986) como “peça de uma máquina a que se imprime movimento com a mão”. Há uma associação entre o formato cilíndrico, a dureza e o comprimento da peça, características que, por analogia, são estendidas ao pênis.

Metáforas designadoras de órgão sexual feminino

Foram identificadas oito metáforas empregadas para nomear o órgão sexual feminino, as quais são dicionarizadas, porém, o poeta lhes confere outro sentido. São elas:

QUADRO 07- Designações metafóricas para órgão sexual feminino dicionarizadas com outro sentido

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Lexia	Designações metafóricas
VAGINA	Biscoito Boca da meta Empada Franga Inimigo Siri Terreno Saco

As oito lexias foram distribuídas em três subgrupos, em função do atributo predominante. Duas foram analisadas isoladamente, por não apresentarem relações semânticas compatíveis. No primeiro subgrupo constam as metáforas:

QUADRO 08- Lexias agrupadas em função do atributo: alimento

Lexia	Dic. Aurélio	Dic. Etimológico	Dic. de Gíria
	<p>“Massa de farinha de trigo, açúcar e ovos, bem cozida no forno”.</p> <p>“Iguaria de massa com recheio de carne, camarão, etc., assada em formas ao forno”.</p> <p>“Galinha nova”</p>	<p>“Bolinho doce feito à base de farinha de trigo”</p> <p>“Iguaria de massa com recheio de carne, camarão, etc., assada em formas ao forno”.</p>	<p>Pênis</p> <p>1 “Pessoa que não sai nunca do mesmo lugar”; 2 Pessoa irritante, desagradável”.</p> <p>1 “Menina”; 2 Mulher que faz sexo com todo mundo.”</p>

Fonte: Cunha (1986); Ferreira (1986); Gurgel (1998).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

“Biscoito”, “empada” e “franga” estão presentes nos cordéis: O carnaval da bandalheira, O que houve com D. Júlia (“biscoito”); A Moça que mordeu Santo Antônio (“empada”); A viúva marreteira (“franga”). Tais lexias têm em comum uma característica: referem-se a itens comestíveis, característica bastante empregada no léxico usado em situações em que ocorre sexo, quando são criadas expressões metafóricas direcionadas para o ato de comer, em referência ao ato sexual, e de comidas, em relação aos órgãos sexuais. Por aproximação de sentido, passa-se a nomear a vagina com nomes de alimentos, como os três citados.

No cordel O casamento do homem de Brotas, há uma referência que confirma a associação feita. Cuíca cria essa história com base em um caso verídico ocorrido em Salvador, quando um homem tem o seu membro sexual decepado pela esposa.

Depois de contar o fato no cordel A mulher que deixou o marido desarmado, Cuíca inventa um casamento para o dito homem (o autor confirma essa invenção na última estrofe, dizendo ao leitor que a sátira foi feita em noite de lua, nas cordas da sua lira e que o tal casamento é uma mentira). O poeta informa:

Vivia o pobre homem
Olhando a boa comida
Ele de olhos compridos
Dizia... ai minha vida
Lamento ter meu pescoço
Com a espinhela caída

“Boa comida” é uma metáfora para mulher, assim como a lexia “biscoito” é metáfora de vagina, registrada em dois cordéis. No cordel Carnaval da bandalheira (já apresentado), Cuíca faz alusão às vestimentas utilizadas pelas mulheres, nas ruas da capital. E informa:

Também se vê nas ruas
Muita moça se divertindo
Somente com uma tanga
O seu biscoito cobrindo
Também se vê aos lados
Os cabelinhos saindo

No folheto O que houve com D. Júlia, Cuíca vinga-se da dona de um açougue em Periperi, bairro suburbano de Salvador, alardeando, no cordel, a prisão da referida senhora e de seus filhos, acusados de roubo. O poeta deixa claro que divulgou o ocorrido em represália

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

por ter apanhado dessa senhora, no passado, por denunciar escândalo envolvendo o preço abusivo praticado pelos açougueiros. Então, diz:

A filha [de D. Júlia] que é	Veja só que vergonheira
professora	[...]
Lá das bandas do Couto	Os Tarados de Piripiri
Dizem que aquela senhora	Olhando aquela senhora
Estando sem o V.8	Sobre o chão estendida
Quando tomou um tapa	Com o <u>biscoito</u> de fora
Botou na rua o <u>biscoito</u>	

O uso metafórico da lexia “empada” é perceptível no cordel A moça que mordeu Santo Antônio, citado anteriormente. Cuíca diz o seguinte:

O santo foi a sala
Onde estava a camarada
Ele a vendo-a transparente
Principalmente a empada
Ficou sem demora
Com a face corada

A outra lexia, “franga”, é vista no folheto A viúva marreteira, no qual Cuíca denuncia uma loira que utiliza mecanismos pouco recomendáveis, como o engano, para angariar vantagens financeiras. Sobre ela, Cuíca diz:

Além disso a tál viúva
Que levava uma missanga
Evitando que o Otávio
Pinicasse a sua franga
É residente
Na Ladeira do Ypiranga

Conforme Aurélio, pinicar é “beliscar, cutucar”, sendo assim, a lexia “pinicar a sua franga” pode ser compreendida por meio desse sentido e do contexto extralinguístico, já que

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

a viúva pede dinheiro emprestado ao Otávio, dizendo que era para comprar remédio. Convidou-o a ir à noite até a sua residência, avisando-o que o marido está viajando. Deixou implícito que o pagamento seria feito de outra forma. Quando o homem chegou ao local designado, descobriu que a referida senhora não era casada, nem residia naquele endereço, o que o impossibilitou de “pinicar a sua franga”, ou seja, manter relações sexuais, já que “franga”, nesse contexto, remete a vagina, que pode ser pinicada, beliscada, metaforicamente falando.

Há outra lexia, que será analisada isoladamente, “siri”, definida como:

QUADRO 09- Lexia que tem como atributo predominante: odor forte

Lexia	Dic. Aurélio	Dic. Etimológico	Dic. de Gíria
Siri	“Nome comum a várias espécies de crustáceos”	“Nome comum a várias espécies de crustáceos”	“Sonso, manhoso, matreiro”.

Fonte: Cunha (1986); Ferreira (1986); Gurgel (1998).

A lexia está registrada no cordel O casamento de Orlando Dias com Cauby Peixoto, dois famosos cantores da época. Cuíca relatou que os cantores formalizaram sua união (o poeta usa a expressão amancebar-se) em Salvador e curtiram sua lua-de-mel no Palace Hotel. O poeta narra a decepção das fãs de Orlando Dias com esse enlace:

As fãs do Orlando Dias

As que não lavam o siri

Ficaram tão danadas

[...]

Porque o seu fan

Casou-se com o Cauby

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

“Siri” é um crustáceo muito utilizado como alimento, principalmente nas regiões praianas. Poderia, por conta disso, ser inserido no quadro anterior, porém, a característica que é estendida para o termo metafórico, na verdade, é outra: o traço de similaridade perceptível é a relação feita a partir de uma característica marcante do crustáceo, que é o odor bastante acentuado que desprende, o qual, por analogia, é atribuído à vagina por esta apresentar um cheiro forte, quando não higienizada convenientemente.

O terceiro subgrupo é formado pelas lexias: “boca da meta” e “saco”. Como lexias, não são dicionarizadas, porém, seus termos, isoladamente, constam nos dicionários Aurélio Buarque (1986) e Etimológico (1986). A primeira lexia é registrada no folheto O escândalo em Amargosa ou o doido tarado. Cuíca esclarece que o tarado, quando via as garotas faceiras da cidade, ficava a olhar para a “boca da meta”. No folheto, o contexto linguístico é o seguinte:

Acontece que o doido	Hiam elas para a pensão
Que estava na pensão	Do Plácido e da Bujinha
Tinha segundo dizem	Ficavam com o doido
Bôa apresentação	As vezes até a noitinha
Por muitas donas bôas	Ele de araque
Despertava ele atenção	Ficava tirando linha
	[...]
Depois que o doido fôra	Ficava ele a olhar
Por algumas ... observado	Bem para a <u>boca da meta</u>
Por muitas destas donas	Vendo como podia
Se pos a ser visitado	Entrar naquela roleta
[...]	

As palavras que compõem a lexia “boca da meta” são dicionarizadas separadamente. No dicionário Aurélio, são definidas como: boca: “qualquer abertura ou corte que dê a idéia de boca; entrada”; meta: “alvo, mira”. Na linguagem futebolística, “boca da meta” refere-se à pequena área, no campo de futebol, para onde são direcionados os chutes a gol. É o local onde o goleiro posiciona-se para evitar que a bola entre na trave. A partir desses sentidos, a lexia

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

faz referência à região pubiana, depreendendo-se que o doido ficava olhando para essa parte, desejoso de “fazer o gol”, ou seja, introduzir seu pênis na entrada dessa pequena área, onde se localiza a vagina, que é o alvo, a meta a ser atingida numa relação heterossexual.

A segunda lexia, “saco”, é registrada no cordel Garotas que andam sem camisa e sem cueca (já abordado).

De fato esta moda
É um verdadeiro buraco
Tem mulheres que se apertam
Parecem até um macaco
Agente olha pra frente
E vê a viola no saco

Os músicos costumam guardar seus instrumentos musicais em receptáculos de couro, plástico ou tecido, os quais são fechados, possuindo uma abertura que possibilite a entrada do instrumento. O traço de similaridade, nessas metáforas, é a representação feita entre a aparência e a funcionalidade dos termos comparantes e o termo comparado: oblongos, com uma abertura circular externa que dá acesso a uma parte interna, sem saída, por onde são introduzidos e armazenados objetos variados. Por analogia, ocorre esse mesmo processo semântico no uso que Cuíca faz dessa expressão: a vagina tem um orifício na entrada, no qual o pênis é introduzido para depositar os seus fluídos.

“Inimigo” é outra designação metafórica bastante curiosa. Consta no cordel Garotas que andam sem camisa e sem cueca.

Há mulheres quando abaixam
Parece até um castigo
Quem estiver observando
Vê até o inimigo
Ou então uma cortina
Que lhes serve de abrigo

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

Notemos que há um jogo de oposição: Cuíca chama o pênis de “camarada” e a vagina, de “inimigo”. Esta lexia é dicionarizada no Aurélio como “adversário, contrário”. Ou seja, o inimigo é aquele que opõe resistência, que precisa ser vencido, dominado, subjugado. A superioridade masculina é evidenciada nessa escolha lexical: a mulher não é vista como parceira, com quem o homem dividirá o prazer; pelo contrário, o que se estabelece é uma relação de posse, aqui complementada pela outra lexia empregada pelo poeta para designar a vagina: “terreno, território, solo, chão”, conforme o Aurélio. Metaforicamente, a vagina é o espaço inimigo a ser ocupado por um adversário que o invadirá, demarcando seu território.

As escolhas lexicais para nomear o órgão sexual feminino permitem delinear uma sociedade que não aceita a igualdade de direitos entre homens e mulheres: o homem é o encarregado de possuir, penetrar, tomar à força, desempenhando um papel ativo e assumindo uma posição de superioridade. Em contrapartida, cabe à mulher uma posição de inferioridade, de receber (inhame, rabo de arraia, esporão, picolé), de ser possuída (carabina, cano, espingarda), rasgada (lanceta, punhal, cortante).

O léxico empregado denota uma posição de vassalagem da mulher no âmbito social. Como se não bastasse, explicita, ainda, a culpa feminina pelos desvios de comportamento do homem, o qual estupra, agride porque a mulher se insinua provocativamente, incitando-o a se desviar de comportamentos tidos como aceitáveis.

Metáforas designadoras de relações heterossexuais

Cuíca de Santo Amaro faz um fecundo uso do léxico e revela um grande potencial criador quando faz alusão às relações heterossexuais. Das cinco lexias selecionadas, apenas uma é dicionarizada, mesmo assim com outro sentido, já que “meter a viola no saco” é, conforme dicionário de Gíria, “ser obrigado a aceitar alguma coisa” ou “conformar-se”. Nas outras quatro lexias, o poeta, a partir de palavras já existentes, cria expressões metafóricas bastante inusitadas, conforme explicitado no próximo quadro. Por conta de não suscitarem as

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

mesmas associações, nem terem em comum os mesmos atributos dominantes, as ocorrências serão analisadas isoladamente:

QUADRO 10- Designações metafóricas para relações heterossexuais

Lexia	Lexia dicionarizada com outro sentido	Lexias não dicionarizadas
Relações heterossexuais	Meter a viola no saco	Cair no sustenido Fazer canjerê Fazer trovejo Traquejar na manivela

A primeira lexia, “cair no sustenido”, é veiculada no cordel O Carnaval da bandalheira, no qual o poeta noticia:

São nestas casas suspeitas	Saem numas para as ruas
[bordéis]	Como confessa o Djalma
Que vai muita beldade	E se entregam! Se entregam!
Vender por miçanga	Se entregam de corpo e alma
A sua virgindade	[...]
[...]	Na quarta-feira de cinza
Depois do Carnaval	Rei Momo deixa a cidade
[...]	Deixando muito veado
Não é somente a donzela	Morto de saudade
Que <u>cai no sustenido</u>	E muita donzela chorando
[...]	A sua virgindade
É porque no Carnaval	
Muitas delas perdem a calma	

Percebemos que há a junção do verbo cair, definido pelo Aurélio como “ser lançado ao chão; decair; dar” e o substantivo sustenido: “acidente musical que indica elevação de um semitom da nota que está à sua direita”. Por analogia, entendemos que nesse tipo de relação sexual a mulher deita-se sobre o pênis ereto, ocasionando a penetração sexual. A expressão fazer “canjerê” é formada pela junção do verbo fazer e do substantivo canjerê. Este, segundo o dicionário Etimológico (1986), é de origem africana, porém, de étimo indeterminado, sendo definido pelo Aurélio (1986) como reunião de pessoas, geralmente de negros, voltada para praticar feitiçarias. Castro (2001, p. 198), em sua pesquisa sobre vocabulário africano importado pelo português do Brasil, registra a lexia como procedente das línguas banto. Tal

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

lexia é encontrada no folheto Namoro no Cinema, no qual o poeta dá a sua versão acerca do que ocorre no cinema:

Lá dentro do Cinema	[...]
A coisa é sempre mais séria	Mordem o beijo da fulana
[...]	Amassam bem o seu peito
Moça com seu namorado	Com vaselina no bolso
Lá dentro da matinée	Para passar no pescoço
Com sua mão bulinando	
<u>Toca a fazer canjerê</u>	
É ahi caro leitor	
Que começa o misere	
[...]	
Ficam tocando buzina	

Canjerê é definido por Castro como sessão de feitiçaria; feitiço. Outra descrição dada é canjerê como uma festa homenageadora de entidades selvagens, na qual é travado um ritual de combate entre entidades da mata contra espíritos pouco evoluídos. As entidades recebidas, ao dançarem, gritam ao som de instrumentos musicais (FERRETI, 1993). No contexto em que a lexia é empregada, canjerê relaciona-se à masturbação, que faz parte do ato sexual, do jogo de atração feito pelos homens quando querem, como diz Cuíca, “Ensina[r] as donzelas a perderem o seu pudor” , o que se aproxima de uma luta que tem como arma a sedução, o despertar do desejo feminino. E isso culmina, como informa o poeta, com a perda da virgindade:

Uma vez passei na zona
E encontrei lá mais de cem
Elas!... as Donzelas
Que não davam a ninguém
Por causa do Cinema
Hoje não valem um vintém

A lexia “traquejar na manivela” é veiculada no folheto O homem das 16 mulheres, já mencionado. Essa lexia não é dicionarizada, porém, isoladamente, as palavras que dela fazem parte são definidas no Aurélio (1986) como: traquejar, perseguir, exercitar; “manivela”: “peça de uma máquina a que se imprime movimento com a mão, sendo utilizada para pôr uma máquina em movimento”. Nesse sentido, “traquejar na manivela” nos remete, numa

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

perspectiva semântica, ao movimento de penetração peniana que ocorre durante o ato sexual, ao impulso que o homem imprime ao seu corpo para executar o ato sexual.

No mesmo cordel, Cuíca refere-se ao ato sexual como “fazer sempre o seu trovejo”. “Trovejar”, de acordo com o Aurélio (1986), é “retumbar, ribombar, lançar raios”. Como o ato sexual culmina com a ejaculação, é possível depreender que a característica em comum entre o termo comparante e o comparado é o ato de lançar algo: no sentido real, raios; no metafórico, esperma, durante a ejaculação. Além disso, alguns indivíduos, no momento do clímax, costumam emitir sons altos, como gritos, que “retumbam” no ambiente.

Considerações finais

Ao utilizar metáforas para designar a realidade que o cerca, Cuíca a apresenta sob um novo enfoque, buscando no contexto extralinguístico algo que aproxime essas duas situações, uma real, outra imaginada. Através de características comuns, ele faz associações de caráter semântico, o que demanda do leitor, para construir sentidos, a necessidade de fazer ilações, de estabelecer relações com os contextos linguístico e cultural. O léxico empregado permite-nos, também, perceber que o cordelista acredita e prega a absoluta inferioridade feminina, revelando-se ser, por conseguinte, um misógino.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BALDINGER, K. *Teoria semântica: hacia una semántica moderna*. 2. ed. corr. y aum. Madrid: Alcalá, 1997.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks, 2001.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 05 – dezembro de 2012
ISSN: 2176-5782

CURRAN, Mark J. *Cuíca de Santo Amaro poeta repórter da Bahia*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1990.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1982.

GURGEL, J. B. Serra e. *Dicionário de gíria: modismo lingüístico, o equipamento falado do brasileiro*. 6. ed. Belo Horizonte: Saraiva, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MAIA, Plínio Vasconcelos et al. *Papel do sistema nervoso autônomo (simpático e parassimpático), seus principais neurotransmissores e outros mediadores na regulação da ereção peniana no homem*. [S.l.],[s.d]. Disponível em: <http://infomed.hpgig.com.br/fisiologia_da_erecao.html>. Acesso em: 03 jan. 2007.

MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004

OLIVEIRA, Priscila Di Cianni Ferraz. *Sputinik :o primeiro satélite artificial da terra*. São Paulo. 2005. Disponível em: <<http://www.uranometrianova.pro.br/historia/hda/0004/sputinik.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2006.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VILELA, Luísa Miranda. *Sistema reprodutor*. [S.l.], 2006. Disponível em: <<http://www.afh.bio.br/reprod/reprod1.asp#masculino>>. Acesso em: 04 jan. 2007.